

Enunciação reportada e alteridade: Uma relação relevante para a didática da língua

RESUMO

Neste trabalho são analisadas produções textuais de alunos do Ensino Fundamental II em que buscamos explicitar marcas de enunciação reportada que apontam para a construção da alteridade. Para tanto, pautamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Postula-se, nesta teoria, a existência de parâmetros abstratos de *sujeito* e de *tempo* que definem uma situação de enunciação também abstrata. Neste contexto, a enunciação reportada apresenta duas situações enunciativas que, de acordo com Campos (1997), possuem cada uma um conjunto de coordenadas que podem estar associadas ao tempo T_0 da enunciação origem (o par enunciador e coenunciador) ou, associadas ao tempo T_1 da locução (o par locutor e interlocutor) que correspondem a polos separados por uma alteridade absoluta. As marcas de alteridade podem ser notadas nas produções textuais dos alunos a partir de formas linguísticas, como nas marcas de enunciação reportada, em que se encontra imbricação de enunciações, seja pela diluição da enunciação origem, seja pela coexistência de diferentes fontes enunciativas. Julgamos que a consciência desses planos enunciativos, quando trabalhada no ensino, pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos – um dos principais objetivos do ensino de língua materna de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Produção textual. Enunciação reportada. Alteridade.

Duane Valentim

duanevalentim@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

No presente artigo buscamos apresentar um panorama geral sobre o ensino do conteúdo *enunciação reportada* para, posteriormente, analisarmos, nas produções textuais de alunos, marcas de enunciação reportada que demonstram a construção da alteridade. Para tanto, baseamo-nos numa concepção de significação ancorada na localização de um conteúdo proposicional em relação à *situação de enunciação*.

Em gramáticas e em livros didáticos é possível encontrarmos variadas nomenclaturas para o fenômeno que optamos chamar por *enunciação reportada*. São elas, por exemplo, *discurso reportado*, *discurso relatado*, *citação* e *diálogo*. Nossa escolha por *enunciação* ao invés de *discurso* deve-se ao fato de aquela comportar a atividade de relatar ou reportar conteúdos proposicionais da responsabilidade do outro, levando em conta o reconhecimento de que estão em causa operações enunciativas. Nessa perspectiva, as entidades subjetivas são consideradas como enunciadores com diferentes estatutos teóricos.

Para a análise linguística dos textos dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, baseamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, doravante TOPE – referencial teórico que tem Antoine Culioli (1976; 1990) como fundador – e em algumas discussões realizadas por Campos (1997) e Valentim (2014). Buscamos relacionar os conceitos teóricos com discussões voltadas ao ensino por meio de reflexões de Rezende (2008; 2010), Geraldi (2010) e nos postulados dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), doravante PCNs.

1. A ENUNCIÇÃO REPORTADA NO ENSINO: UM TRABALHO SOBRE O CONCEITO DE ALTERIDADE

De maneira geral, as gramáticas apresentam como sendo três as formas de enunciação reportada: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Tais classificações são atribuídas conforme o reconhecimento de características recorrentes em cada tipo de discurso, tais como pontuação, a presença ou não de verbos *dicendi*ⁱⁱ, a função que o narrador desempenha, entre outras. São, predominantemente, relacionadas com a maneira como aparecem nos textos literários, desconsiderando o fato de que há uma diversidade de usos e de construções de enunciação reportada que se relacionam, por exemplo, aos outros gêneros discursivos. Conseqüentemente, a não referência a essa diversidade acaba também refletida nos materiais didáticos e, portanto, no ensino.

Também ressaltamos a preocupação, tanto das gramáticas como dos materiais didáticos, com o modo como são feitas as passagens do discurso direto para o discurso indireto, passagens regidas pelo que se nomeia de *regras de transposição*, pois, de acordo com Cunha, C. & Cintra, L. F. L. (1997): “ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático” (CUNHA C. & CINTRA, L. F. L., 1997, p. 653). Segundo os autores, as regras de transposição são justificadas porque:

[...] na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas das formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas (CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L., 1997, p. 653).

Entende-se, portanto, que tais regras são separadas em três blocos que se relacionam à *pessoa*, ao *espaço* e ao *tempo*, estabelecendo correspondências pronominais, adverbiais e verbais entre o discurso direto e discurso indireto que, frequentemente, são apresentadas em forma de tabelas, deixando a falsa ideia de que o uso de um ou outro tipo de discurso é equivalente semanticamente quando transposto de forma adequada.

Com relação às atividades didáticas que usualmente aparecem nos materiais didáticos, nota-se a presença de textos de diferentes gêneros discursivos, muito embora a relação entre o gênero e a enunciação reportada nem sempre seja explicitada. O objetivo das atividades está voltado, geralmente, para a compreensão do aluno sobre o uso da pontuação característica de cada discurso ou para a transposição de um discurso ao outro por via da identificação de trechos. São, sem dúvida, exercícios pertinentes, mas que não propiciam ao aluno uma reflexão sobre os contextos e efeitos de compreensão que os diferentes usos da enunciação reportada podem oferecer.

Nossa crítica não está no sentido de que no ensino não se deva formalizar as características da enunciação reportada. Nossa crítica refere-se ao trabalho voltado apenas para a estabilização de estruturas, sem uma discussão sobre os elementos relacionados à linguagemⁱⁱⁱ, o que propiciaria uma percepção do aluno de que cada escolha linguística que fazemos, ao nível das formas e das construções, não é despropositada e que, portanto, ao optarmos por uma ou outra forma de reportar o discurso de outrem, estamos construindo sentidos, efeitos e intenções diversas.

É importante destacar que dificilmente encontramos atividades didáticas em materiais escolares que exploram o ensino da enunciação reportada vinculado a um trabalho de produção e interpretação de textos, isto é, atividades que abrangem a enunciação reportada para além do nível do enunciado. No entanto, ao analisarmos textos produzidos por alunos de diferentes anos escolares, observamos várias e criativas formas linguísticas utilizadas para demarcar as trocas de planos e de responsabilidade enunciativa, muitas delas apontando para construção de alteridade.

A construção da alteridade, nesses casos, pode ser “ativada por fatores diferentes, como o contexto situacional e as várias noções, temporal, subjetiva e elementos intersubjetivos”^{iv} (OSU, 2003, p. 566, tradução nossa). Propomo-nos, então, analisar essas formas linguísticas utilizadas pelos alunos por julgarmos que os planos enunciativos que trabalham com a alteridade, se abordados pelo ensino, podem contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos – objetivo principal do ensino de língua materna de acordo com os PCNs (1998).

Nos PCNs (1998), recomenda-se que o ensino de textos escritos garanta ao aluno o desenvolvimento de atividades que explicitem as relações “entre expressões mediante recursos linguísticos apropriados (retomadas, anáforas, conectivos), que possibilitem a recuperação da referência por parte do

destinatário” (BRASIL, 1998, p.51). Nota-se, portanto, uma preocupação com os recursos linguísticos que se relacionam com a presença do destinatário, o que nos permite pensar na abordagem da alteridade em contexto de ensino, uma vez que esse trabalho pode “permitir ao sujeito se construir em uma singularidade por meio de um autoconhecimento que necessariamente traz o conhecimento do outro” (REZENDE, 2008, p.18).

Desse modo, acreditamos que ao tratarmos sobre a alteridade no ensino estamos, também, caminhando em direção à proposta dos PCNs (1998) a respeito do trabalho que deve ser realizado com a linguagem, pois, como nos mostra Geraldi (2010), “[...] desde que estejamos falando em linguagem, já estamos falando em relação com a alteridade. A palavra que reconheço é própria porque é do outro; a palavra se reveste do tema na relação com a alteridade” (GERALDI, 2010, p. 75).

2. A ALTERIDADE COMO INTERNA À LÍNGUA

A questão da alteridade relaciona-se, dentre outras temáticas, com a enunciação reportada. Para tratarmos da questão da construção da alteridade em produções textuais, baseamo-nos no conceito operatório de *situação enunciação* que, enquanto referencial absoluto na construção de quaisquer valores de significação, integra os parâmetros abstratos de *sujeito* e de *espaço-tempo*. Tais parâmetros definem uma situação de enunciação também abstrata. Para Culioli (1990), a situação de enunciação é central para localizar o conjunto de situações que constituem o sistema de referência do enunciado. Os parâmetros que definem a situação de enunciação são S (sujeito) e T (espaço-tempo).

Na base da construção de valores de intersubjetividade está um sistema de operações segundo qual o sujeito enunciador^v (S_0) constrói uma cadeia de sujeitos com estatutos teóricos diferentes: um sujeito locutor (S_1) e o sujeito do enunciado (S_2). Entre S_0 , S_1 e S_2 , estabelecem-se valores de identificação ($S_0 = S_1$ quando há uma asserção estrita), diferenciação ($S_1 \neq S_2$ quando se trata de uma enunciação reportada, por exemplo, em que há fronteiras marcadas linguisticamente por haver dois planos distintos, duas situações de enunciação em que cada uma possui seu próprio conjunto de coordenadas T_0 ou T_1), ou ruptura.

Em cada ato de enunciação, o sujeito enunciador constrói seu próprio referencial subjetivo, espacial e temporal cujos valores são localizados em relação à situação de enunciação por via de marcadores que são as formas linguísticas. Desse modo, em um enunciado as referências subjetivas e espaço-temporais são validadas conforme o ponto de vista daquele que enuncia em relação ao que o mesmo supõe ser a posição de seu coenunciador. De acordo com Valentim (2014):

[...] o *enunciador*, enquanto origem subjetiva (que não se identifica com o *locutor* ou com o *emissor*), se constrói, necessariamente, num quadro intersubjetivo, pois, subjacente a qualquer enunciado, há sempre um enunciador, que produz/constrói a significação, mas também um coenunciador, que reproduz/reconstrói a significação.

Por conseguinte, a construção da representação linguística dá-se no quadro de uma alteridade inscrita no âmbito da atividade linguística (VALENTIM, 2014, p. 23).

A alteridade, portanto, inscrita no centro da atividade linguística, acaba por fundar a intersubjetividade, explicada pelo fato de haver, na linguagem, “uma constante modulação” (VALENTIM, 2014, p. 23) e ajustamentos entre os enunciadores que se forma e se deforma e que fundamenta todo trabalho enunciativo, permitindo a constituição do valor referencial dos enunciadores. Dessa maneira, a alteridade “é efetivamente concebida como interna à língua” (VOGÜÉ; PAILLARD, p.148). É essa alteridade, inerente à atividade de linguagem “que nos permite discutir e trocar ideias; que nos permite, no fim das contas, falar” (ZAVAGLIA, 2016, p. 75).

Deformável, a alteridade pode ser calculada a partir do arranjo das marcas que constituem o enunciado, sendo responsável pelo conjunto de valores abertos que colocam o *tu* frente ao *eu*, do não-*eu* e do não-*tu* diante do *eu*, ou seja, o outro é definível e, portanto, não possui valor fixado e só pode ser identificável em função das configurações subjetivas em que se inscreve.

Para se compreender a deformabilidade na alteridade, Vogüe e Paillard (2011) expõem a noção de separabilidade. S_1 possui a propriedade de ser separável, mas que se opõe à separação do locutor e interlocutor enquanto pessoas. Primeiramente, devemos entender *eu* e *tu* como etiquetas neutras que podem referir-se tanto ao locutor/interlocutor quanto à S_0 e S_1 . Dessa forma, em uma ordem realizada com o uso do imperativo e posta por *eu*, por exemplo, implica que *tu*, enquanto sujeito, encontra-se fora do próprio enunciado e sua intervenção ocorre apenas no contexto do enunciado. *Tu* tem um modo de presença no enunciado. S_1 , enquanto orientador enunciativo, determina uma posição diferente da de S_0 . O vínculo de S_1 e S_0 é da ordem da separabilidade, sendo esta uma propriedade regular do orientador S_1 e variável a cada nova conjunção.

Neste contexto, a enunciação reportada – seja ela direta ou indireta – apresenta duas situações enunciativas que, de acordo com Campos (1997), possuem cada uma um conjunto de coordenadas que podem estar associadas ao tempo T_0 da enunciação origem (o par enunciador e coenunciador) ou, associadas ao tempo T_1 da locução (o par locutor e interlocutor), que correspondem a polos separados por uma alteridade absoluta. Esse conjunto de coordenadas, nas produções textuais dos alunos, aponta para uma alteridade nas construções linguísticas em que há imbricação de enunciações pela diluição da enunciação origem ou pela coexistência de diferentes fontes enunciativas.

Este é o enquadramento teórico que permite explicar o fenômeno da alteridade inscrita na própria atividade linguística como atividade de construção de significação, isto é, a alteridade como interna a língua. Trata-se, pois, de uma concepção de alteridade teoricamente prévia à troca dialogal que se analisaria em um quadro de análise discursiva. Desse modo, a perspectiva que adotamos é semântica, uma vez que entendemos a alteridade enquanto dinâmica e subjacente às operações enunciativas de que resulta a construção dos enunciados.

3. ANÁLISE DA ALTERIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS

Para a análise, trazemos produções textuais realizadas por alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental II de uma escola privada no Estado de São Paulo, Brasil. As produções textuais são derivadas de avaliações da expressão escrita realizadas na disciplina Leitura e Produção de Texto durante todo um ano letivo. Dentre os vários textos produzidos pelos alunos e que versam sobre diferentes temas, selecionamos seis textos que explicitam, de modo mais evidente, o trabalho de construção da alteridade relacionada, de alguma maneira, com as marcas de enunciação reportada. As análises serão realizadas considerando os conceitos abordados, tais como o de situação de enunciação e o de alteridade, tendo como fundamentação teórica a TOPE, teoria dos observáveis linguísticos.

Produção Textual 1^{vi}

Quando Heitor foi lutar com Aquiles, ele fugiu, e em homem foi conversar com Zeus:

- Oh Zeus, por que não ajuda Heitor?

Zeus disse:

- Infelizmente, meu caro, não posso mudar o destino.

Mas o homem continua:

- Mas tenha piedade. Sem ajuda não conseguirá vencer. Ele irá morrer. O homem pegou nos braços de Zeus e o foi carregando, quando Zeus furioso disse:

- Largue-me ó criatura. Que ideia foi essa de segurar em meus braços?! Não foi uma boa ideia.

(Zeus na narrativa)^{vii}

Foi assim que tudo aconteceu, até hoje eu não me lembro direito o que aconteceu. Só sei que estava em meu palácio e aquele homem maldito veio me pedir aquele favor. Agora, vou terminar a história. Depois de ele ter me puxado pelos braços e eu ter dito tudo aquilo para ele, eu disse:

(Voltando a história)

- Agora você vai ver o meu poder.

(Zeus na narrativa)

E daí eu matei ele com meu raio. Pelo menos ele parou de atormentar. E se algum dia acontecer isso de novo, vai ser pior.

Pode-se dividir este trecho da produção textual em quatro partes, separadas pelos enunciados entre parênteses e destacados por nós com negrito. Nota-se que a separação é feita pelo aluno como forma de orientação ao destinatário/leitor, alertando-o sobre a alternância dos planos enunciativos, sinalizando, por meio de parênteses e mudança de linha, sobre as trocas dos planos enunciativos que recaem sobre quem narra a história, se narrador ou narrador personagem:

(Zeus na narrativa)
(voltando a história)
(Zeus na narrativa)

Na primeira parte, não há orientação do aluno a respeito do plano enunciativo, havendo um S_0 diferente de S_1 , ($S_0 \neq S_1$):

Zeus disse:

- Infelizmente, meu caro, não posso mudar o destino.

Depois do diálogo entre os personagens, há uma troca dos planos da narrativa apontada pelo aluno com o enunciado "(Zeus na narrativa)". Após a troca de planos e o aviso para o leitor sobre a mudança dos planos, S_0 passa a ser igual a S_1 , ($S_0 = S_1$), em que o sujeito enunciativo coincide com o sujeito locutor, sendo que "Zeus", construído como personagem, de acordo com as categorias narrativas, passa de personagem para narrador, como em:

"[...] até hoje *eu* não me lembro direito o que aconteceu"

Zeus, na primeira parte do texto S_2 , passa a ser esse *eu* que enuncia (S_0), que coincide com o locutor. Dessa forma, $S_0 = S_1$.

A mesma troca de planos acontece nas partes seguintes da produção textual, sendo a parte três uma retomada da cena da parte um, e a parte quatro segue como continuação da parte dois. A alternância dos planos enunciativos mostra uma total consciência do aluno sobre a presença do outro (leitor), demonstrando controle da expressão escrita que aponta para a autoria e o estilo do aluno. Além disso, nota-se a alteridade marcada pela relação direta que é estabelecida com o leitor ao comunicar sobre as trocas de planos, o que nos permite destacar o controle da expressão escrita por meio da instauração da alteridade.

Produção Textual 2

Hoje, dia 15/09/2011 fomos ao Horto Florestal. Quando passamos na frente do cemitério Nossa Senhora do Carmo a Laís e a Letícia começaram a chorar por causa do avô delas que morreu e foi enterrado lá. **A você viu que tragédia? Acho que eu vou chorar também é uma pena de morte. Buuuuuuuáááááááá. Pronto já passou.** Quando chegamos lá, a primeira coisa que aconteceu foi eu tropeçar, **ui. Voltando o assunto.** Mais para frente a Ana Tereza dividiu os grupos mas antes disso fomos guardar o lanche nosso. Depois eu tropecei de novo na raiz de uma árvore **e você já sabe né? "Tum" Oi to bem, voltando o assunto.** A Ana Tereza comeu uma fruta que a casca dela era vinho e por dentro era verde.

Nesse trecho da produção textual, há um $S_0 = S_1$ e, em alguns pontos, com a entrada da enunciação reportada, é instaurada a alteridade com um *você*, que neste caso remete ao leitor, como em:

“*Você viu que tragédia?*”

A interrogação, acima exemplificada, pode ser explicada como sendo uma manutenção do percurso discursivo com recurso no outro, pois o enunciador (S_0) fica na fronteira buscando o outro para romper ou manter o curso do que estava sendo narrado. Essa forma de interrogativa é descrita por Culioli (1990) como sendo uma interrogativa retórica, uma vez que o enunciado se realiza como se o enunciador “buscasse recurso no outro, mas a melodia evidencia claramente que ele não precisa da informação”^{viii} (CULIOLI, 1990, p. 122, tradução nossa), da resposta.

Nesse diálogo com o outro, identifica-se como o aluno constrói a alteridade por meio de uma pausa interrogativa que instaura o *você* no enunciado. O mesmo ocorre em:

“[...] e *você* já sabe, né?”

Um efeito parecido pode ser observado em “Pronto já passou” e em “Oi, to bem” que, embora não sejam interrogativas, representam uma troca do plano enunciativo dada por uma enunciação que dialoga, novamente, com o leitor, como que lhe comunicando sobre o estado que locutor (S_1) se encontra no T_0 (tempo da enunciação), que se difere de T_1 (tempo do enunciado).

Nas onomatopeias “Buuuuuuuuáááááááá”, “Ui” e “Tum”, que entram no lugar das ações de “chorar”, “tropeçar” e “cair”, por exemplo, representam a voz de S_1 no T_0 (tempo da enunciação), em que se buscou representar a cena enunciativa, colocando-a diante do *você* (leitor) com quem o enunciador *eu* dialoga, para assim mostrar a intensidade e vivacidade da cena narrada.

Produção Textual 3:

Minha família e eu estávamos loucos pela chegada do verão de 1991. Naquela época morávamos em uma cidade pequena no sul dos Estados Unidos. **Mas você deve estar se perguntando por que o verão daquele ano era tão esperado?** É porque íamos fazer uma viagem de férias.

Na produção textual acima, destacamos o trecho “Mas você deve estar se perguntando por que o verão daquele ano era tão esperado?”, em que S_1

instaura, como na produção textual anterior, um *você* por meio de uma interrogativa que, neste caso, antecipa a possível dúvida de seu interlocutor. S_0 constrói a significação do enunciado sendo ele mesmo locutor (S_1). A referência ao coenunciador estabelece uma alteridade por meio da interlocução.

Tem-se, portanto, enunciador coincidente com o locutor ($S_0 = S_1$) construindo seu coenunciador (*você*) a quem atribui, supostamente (“**deve** estar se perguntando”), o papel de locutor (S_1) ao perguntar “por que o verão daquele ano era tão esperado”, estabelecendo, dessa maneira, um “jogo” de alteridade.

Produção Textual 4

Chegamos ao lugar do acampamento, mas já era de noite, então fomos dormir. No dia seguinte partimos para escalar as montanhas. Eu, lá no maior “perrengue” para subir e eles já quase chegando ao cume daquela montanha. Na hora que eu **cheguei em casa pensei nunca mais discriminarei velinhos por sua idade e porte físico** pois eles me deram um baita “sorrete”. [...] Por esse motivo **peço a todos vocês que estiverem lendo esse texto, não discriminem os velinhos por sua idade e porte físico.**

Na produção textual acima, também temos um S_0 que coincide com S_1 , no entanto, o que queremos apontar é a identificação entre S_0 e S_1 no trecho:

“Cheguei em casa pensei nunca mais discriminarei velinhos por sua idade e porte físico.”

Quem diz “nunca mais discriminarei velinhos”, S_0 ou S_1 ? Podemos dizer que há uma construção do locutor (S_1) (“pensei”) a partir do próprio S_0 que se desdobra (“cheguei e pensei”) e que, como efeito, temos duas vozes que se mesclam, sendo o discurso atravessado pelo discurso do *outro*, abstratamente disjunto. Tradicionalmente, essa seria uma construção característica de discurso indireto livre em que há uma ambiguidade entre os discursos direto e indireto a respeito de quem enuncia.

Já no segundo enunciado destacado, a presença do *outro* é posta explicitamente:

“[...] peço a todos vocês que estiverem lendo esse texto [...].”

No trecho acima, o enunciador faz apelo ao coenunciador coletivo (“todos vocês”) como participante na construção de valores referenciais. Dessa forma, o aluno, a medida que produz seu texto, vai buscando valores mediante a presença ou imagem que faz do seu coenunciador. Trata-se de uma alteridade estritamente relacionada com o próprio funcionamento da língua, cuja subjetividade diz respeito à própria constituição do sujeito.

Produção Textual 5

Joe tinha se mudado para lá, ele foi brincar junto com os meninos só que ele tinha vergonha de pedir se poderia brincar junto, as meninas vendo ele lá no cantinho foram chamá-lo para brincar então eles perguntaram o seu nome **ele disse que é Pedro**, e ai **os meninos perguntaram se ele sabia jogar futebol?** Ele disse que não, então os meninos perguntaram que esporte ele sabia jogar, **ele disse que ele gosta de roquei**. As meninas sem saber que esporte era aquele perguntaram como se jogava. Então **Pedro disse que é um esporte que se praticava no gelo**, e que precisava usar um taco para rebater o pino, as meninas acharam interessantes, ficaram lá conversando [...]. Então Pedro disse que estava na hora deles conhecer os pais deles, quando os meninos viu o pai e a mãe eles acharam uma loucura pai e a mãe italianos, **um dos meninos perguntou como vocês são uma família se vocês são diferentes um do outro**.

O pai e a mãe são italianos, a filha africana e o Pedro americano. **O pai de Pedro respondeu uma família não é feita por aparências iguais**, mas sim mesmo amor que existe um dentro do outro.

Nessa produção textual, destacamos duas ocorrências: uma com o uso da enunciação reportada notada pela presença dos verbos declarativos *dizer* e *perguntar*, e outra com a alternância dos planos enunciativos. Vejamos:

“ele **disse** que **é** Pedro”

“ele **disse** que ele **gosta** de roquei”

“Pedro **disse** que **é** um esporte”

“Um dos meninos **perguntou** como vocês **são** uma família”

“O pai de Pedro **respondeu** uma família não **é** feita de...”

Nos enunciados^{ix} acima, nota-se que o verbo declarativo aparece no pretérito perfeito, no entanto, a oração seguida por *disse* ou *perguntou*, os verbos aparecem no presente do indicativo:

“disse que **é**”

“disse que **gosta**”

“perguntou como vocês **são**”

“respondeu uma família não **é**”

Segundo consta nas gramáticas normativas^x a respeito do discurso indireto, os verbos que seguem a conjunção *que* e que introduzem uma oração subordinada, devem seguir o mesmo tempo verbal que o verbo declarativo. Já no discurso direto, o tempo verbal do verbo declarativo pode ser diferente do tempo verbal da fala do personagem quando se separam os enunciados por marcas de pontuação, por exemplo:

Os meninos perguntaram:

- Qual o seu nome?

E ele respondeu:

- Meu nome é Pedro.

Nos enunciados que destacamos da produção textual em questão, a mescla realizada pelo aluno pode demarcar uma alteridade derivada de uma presentificação da ação, como se fosse mostrado para o *outro* o presente da enunciação, o que se pode entender como uma estratégia discursiva realizada pelo deslocamento da cena enunciativa, deslocamento este que se dá pela alternância entre T_0 e T_1 .

A segunda ocorrência que propusemo-nos tratar diz respeito ao seguinte enunciado:

“Os meninos perguntaram se ele sabia jogar futebol?”

Ao contrário das ocorrências anteriores em que o verbo após a conjunção *que* aparecia em outro tempo verbal que não o do verbo declarativo, nessa o que chama a atenção é o ponto de interrogação ao final do enunciado. Nota-se que há ainda certa falta de domínio da escrita, muito provavelmente pelo aluno estar ainda se apropriando das convenções formais da escrita. A respeito da aprendizagem da escrita, explica-nos Geraldi (2010) que:

Escrever nunca é só um processo simples de transcrever a fala para a escrita ou traduzir as palavras faladas em signos escritos. Escrever difere do falar em muitos aspectos. Os objetos referidos não estão presentes, a situação concreta não existe, com todos os aspectos de emoção e de entonação, faltam as possibilidades de apontar. No processo de falar, a atenção do falante está concentrada naquilo está falando e não nas estruturas gramaticais ou recursos mobilizados para falar (GERALDI, 2010, p. 169).

No enunciado em questão, pode-se ter a ideia de que o sujeito enunciador (S_0) está narrando a pergunta feita pelo sujeito do enunciado (S_2): “Os meninos perguntaram se ele sabia jogar futebol”. No entanto, ao final do enunciado nos deparamos com um ponto de interrogação que altera a entonação e que nos faz

pensar que na verdade o personagem é quem enuncia, havendo, portanto, um valor de ruptura por serem polos separados por uma alteridade instaurada por dois diferentes planos de enunciação.

Produção Textual 6

Ana Laura tomou café, entrou no banho e vai para a escola, quando chega na escola procura o Caio seu namorado e pergunta se ele quer ir a praia do Rio de Janeiro, **ele como não é bobo respondeu que sim!**

No enunciado “ele como não é bobo respondeu que sim!”, por meio da expressão “como não é bobo”, que dá um tom de brincadeira e humor, juntamente com o “sim!” exclamativo, dizemos que o enunciado é partilhado por enunciador e locutor ($S_0 = S_1$), o que tradicionalmente, pelas gramáticas é nomeado como discurso indireto livre. S_0 situa-se como origem da enunciação e é ele quem deixa S_1 falar e é S_1 que assume a responsabilidade das operações de modalização, neste caso, S_0 e S_1 identificam-se, embora haja um ponto de separação (derivado pela entonação e pela expressão) que joga para uma alteridade entre S_0 e S_1 .

Embora o aluno tenha construído um enunciado partilhando as vozes do enunciador e locutor e instaurado em seu texto “modulações que assumem a forma de um jogo de sujeitos, um jogo de valores referenciais modais, um jogo de valores referenciais temporais-aspetuais.” (VALENTIM, 2014, p. 23), a pergunta que se coloca é se o aluno tem consciência de seu trabalho com a escrita ou se essa ocorrência passa por ele também despercebida, uma vez que o ensino do discurso direto livre raramente aparece como conteúdo de ensino. Ainda que não tenhamos acesso a esta resposta, julgamos ser importante um trabalho que aborde os planos enunciativos com a finalidade de aprimorar a competência discursiva dos alunos, retornando o exposto anteriormente sobre os objetivos do ensino de língua materna presentes nos PCNs (1998).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, analisamos trechos de produções textuais tendo como referência o conceito de enunciação numa perspectiva operacional, o que nos permitiu observar as ocorrências da enunciação reportada que apontam para a construção da alteridade. Acreditamos que os planos enunciativos quando trabalhados em articulação com o fenômeno da alteridade, podem contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos – objetivo principal do ensino de língua materna de acordo com os PCNs (1998).

Dessa maneira, quando é explicitado ao aluno as nuances presentes em (seu) um texto, além de se ampliar o seu domínio da linguagem, pode-se propiciar um autoconhecimento que passa pela tomada de consciência das alteridades envolvidas em seus textos. Dessa forma, pode-se atuar didaticamente com efeito também no nível do desempenho do aluno na escrita.

A meaningful relation between reported speech and alterity in language teaching

ABSTRACT

This article aims at analyzing students' textual productions demonstrating traces of reported speech that shows the student's construction of alterity. Therefore, we are based on the A. Culioli's Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). In this theory there are abstracts parameters of *subject* and *time* that define the *situation of enunciation* that is also abstract. Within this context, the reported speech presents two enunciative situations, according to Campos (1997), and, each one has its own coordinates that can be associated to the time of the enunciation T_0 (enunciator and co-enunciator) or, it can be associated to the time of the locutionary T_1 (locator and collocutor) that corresponds to two poles separated by an absolute alterity. The alterity can be noticed in the students' textual production from some linguistics forms, as in the traces of reported speech where it is possible to find out some enunciation overlaps. Thereby, we believe that when the construction of alterity is worked in teaching and learning context, we are able to contribute to the development of the students' discursive competence, one of the main objectives of the mother tongue teaching language according to National Curriculum Standards (1998).

KEYWORDS: Enunciation. Textual production. Reported speech. Alterity.

NOTAS

1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das [matrizes de referência](#). Foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Fonte: <http://portal.inep.gov.br/web/saeb/parametros-curriculares-nacionais>

2 Informações sobre verbos *dicendi* em Cunha, Celso & Luís F. Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*, 1997, p. 650-651.

3 De acordo com Culioli (1999), a linguagem é concebida como a capacidade cognitiva do homem que lhe permite construir significação por meio das línguas. Trata-se de uma capacidade inata do falante que lhe permite construir significação ao organizar, oralmente ou de forma escrita, suas representações “por um agenciamento de marcadores que varia superficialmente e, ao mesmo tempo, apresenta regularidades” (ZAVAGLIA, 2016, p. 33).

4 “According to Culioli, alterity is a constituent property of linguistic objects and it can be activated by different factors, namely, the situational context and the various notional, temporal, subjective and inter-subjective elements. Alterity can be deleted, highlighted or concealed through enunciative operations of location (subjective and inter-subjective location, spatial temporal location, quantitative and qualitative determinations)” (OSU, 2000, p. 566).

5 O locutor é o suporte da linguagem e não a origem da própria linguagem, ao contrário do enunciador, que pode ser colocado como a origem da situação de enunciação e, portanto, a origem das localizações instauradas pelo processo enunciativo.

6 Optamos por apresentar os textos dos alunos da forma como foram escritos, isto é, sem fazermos alterações em relação às normas de convenção ortográficas.

7 Os destaques em negrito, tanto nessa primeira produção textual como nas da sequência, foram feitos por nós a fim de explicitarmos as ocorrências que nos propusemos analisar.

8 « Dans l’interrogation rhétorique, on fait comme se on avait recours à autrui, mais la mélodie le montre clairement, on n’a pas demandé d’information » (CULIOLI, 1990, p. 122).

9 Entendemos *enunciado* como um agenciamento de marcadores que se relacionam “com a localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação por um sistema de referência” (ZAVAGLIA, 2016, P. 59). O enunciado é um conjunto “de marcadores agenciados que rastreiam a passagem do dizível ao dito de fato, é materialização das formas que foram construídas e categorizadas no cerne mesmo da relação que se dá na prática entre a atividade de linguagem e as línguas” (ZAVAGLIA, 2016, P. 61 – 62).

10 Sobre o assunto, pode-se consultar ROCHA, L.; HENRIQUE, C. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1985.

Agradecimentos: A autora agradece a CAPES pelo auxílio financeiro.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Tempo, aspecto e modalidade:** estudos de linguística portuguesa. 1997.

CULIOLI, Antoine. Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli. **Recherche en linguistique** : theorie des operations enonciatives. Departement de Recherches Linguistiques; Universite Paris VII, 1976.

_____ **Pour une linguistique de l'énonciation.** Tome 1. Opérations et représentations. Paris : Ophrys, 1990.

_____ **Pour une linguistique de l'énonciation.** Tome 2. Formalisation et opérations de repérage. Paris : Ophrys, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 650-653.

DE VOGÜÉ, Sarah; PAILLARD, Denis. Modos de presença do outro. **Linguagem e enunciação:** representação, referenciação e regulação. Editora Contexto, SP, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento,** 2010.

BRASIL, (Secretaria de Educação Fundamental) **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

OSU, Sylvester N. Semantic invariance, locating process and alterity: a TOPE-based analysis of the verbal prefix z-in Ikwere. **Journal of linguistics**, v. 39, n. 03, p. 521-574, 2003.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa, **Revista do Gel**, São Paulo, v.5, n.1, p. 95-108, 2008.

_____ Contribuições da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para o Ensino de Línguas, **Versão Beta:** sob o signo da palavra, São Carlos, ano VIII, n. VIII, p. 7-28, 2010.

ROCHA, Lima.; HENRIQUE, Carlos. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, 1985.

VALENTIM, Helena Topa. Descontinuidade de representação cognitiva e linguística. **Cadernos WGT:** Representação. Lisboa, nº225, p. 23-28, 2014.

ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas. 2.** ed. São Paulo: Humanitas, 2016.

Recebido: 06 jun. 2017

Aprovado: 15 fev. 2018

DOI: 10.3895/rl.v20n28.6685

Como citar: VALENTIM, Duane. Enunciação reportada e alteridade: Uma relação relevante para a didática da língua. *R. Letras*, Curitiba, v. 20, n. 28, p. 53-67, mar. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

